

## **PERSPECTIVAS PARA TRABALHADORES E SINDICATOS NO SÉCULO XXI**

*Gisele Aparecida MENDONÇA<sup>1</sup>*

A realidade presente se mostra, no mínimo, nebulosa em função das muitas transfigurações ocorridas no último terço do século XX, a saber: a globalização econômica e a abertura comercial, a revolução da microeletrônica bem como a substituição do Estado de bem estar social (*Welfare State*) pelo “Estado mínimo”, regido pelo ideário neoliberal. Um desdobramento disso é a enorme instabilidade social que provoca, o que amplia significativamente o leque de interpretações possíveis. Esta é uma das questões ilustradas no livro *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social* que apresenta uma multiplicidade de análises instigantes para uma reflexão mais profunda desta conturbada realidade. Para tanto, o livro está dividido em três partes, e em todas se pode encontrar uma rica bibliografia com enfoques teóricos e empíricos, incluindo pesquisas de autores nacionais e estrangeiros que investigam a situação internacional, muito interessantes para pensarmos o caso brasileiro.

Na primeira parte do livro, intitulada “Trabalhadores, Sindicatos e a Nova Questão Social: uma perspectiva internacional”, os organizadores do livro, Santana & Ramalho, salientam a intensidade com que estes processos atingiram os trabalhadores, proporcionando altos índices de desemprego e precarização do trabalho, bem como problemas estruturais em seus órgãos de representação sindical. Neste prisma, os autores buscam diferentes propostas teóricas para analisar estas questões e destacam a necessidade de criar “instrumentos analíticos mais adequados” para a análise desta “nova questão social”.

Sob um outro enfoque analítico, Huw Beynon investiga as possibilidades de futuro para o sindicalismo no século XXI diante do enfraquecimento dos direitos sociais, do Estado e da própria democracia; para tal discussão, o autor realiza um árduo exame das principais opiniões sobre o assunto. A mesma questão encontramos na abordagem analítica de Loïc Wacquant, ressaltando o problema do enorme contin-

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

gente de pessoas expostas a uma situação de exclusão social e miserabilidade degradantes, vigiadas de perto por leis duríssimas cujo conteúdo é de visível “penalização da miséria”, um recurso característico do avanço neoliberal. Além disso, há um estudo feito por René Mouriaux analisando o panorama geral das crises e tentativas de resistência dos sindicatos dos “países industrializados” nos últimos 30 anos, através dos quais investiga possíveis estratégias ou alternativas para um novo tipo de sindicalismo que se contraponha a esta realidade aterradora com a qual temos nos defrontado.

Esse horizonte de instabilidade permanece como tema da segunda parte do livro, “Teorias e Configurações das Classes Trabalhadoras Hoje”, que nos apresenta análises teóricas a respeito da condição brasileira. Sob o primeiro plano, encontramos a abordagem de Claudio Salvadori Dedecca, que enfatiza o resultado destes processos, já mencionados anteriormente, no Brasil dos anos 90. Afinal, este foi o momento em que o país alcançou a tão almejada estabilidade econômica, mas com um custo social muito alto, já que ampliou as desigualdades existentes.

Numa abordagem mais teórica encontramos uma ampla discussão dos conceitos normalmente utilizados na análise deste cenário: Luiz Antonio Machado da Silva propõe que a concepção de trabalho “informal”, cujo passado esteve relacionado à marginalidade, hoje está assumindo uma legitimação teórica e social tão perigosa quanto a noção de “empregabilidade”, que implicitamente atribui as causas do desemprego a caracteres pessoais dos indivíduos. Há ainda a proposição de Nadya Araujo Guimarães para uma “sociologia do desemprego” que investigue estas categorias – desemprego, trabalho informal etc. – em seus significados culturais e subjetivos particulares, uma vez que essas peculiaridades desaparecem em análises mais genéricas. Há ainda a questão da centralidade da categoria trabalho analisada por Ricardo Antunes, destacando também a caracterização atual da classe trabalhadora diante das tentativas de “des(sociabilização) do capital” e o seu contraponto com a intensificação de lutas sociais que se mostram contrárias à “mercadorização do mundo”.

Como o próprio título indica, a terceira parte do livro, “Sindicalismo: enfoques teóricos e práticas recentes”, destaca o caráter analítico associado a estudos de casos, com dados estatísticos que nos permitem uma visão bem aproximada do sindicalismo atualmente, em especial o brasileiro. Um dado significativo na pesquisa de Adalberto Moreira Cardoso corresponde às taxas de filiação que caíram muito em função da queda no nível de empregos formais no país; entretanto, essa pesquisa diagnostica algo ainda mais interessante: a desconfiança que paira sobre as instituições democráticas em geral. A pesquisa indica que os trabalhadores acreditam no potencial da ação sindical, mas não confiam na instituição em si, tal como não confi-

am no Estado, nos partidos etc., estes trabalhadores apresentam, portanto, uma perspectiva bastante pessimista de futuro.

Na análise de Marco Antonio de Oliveira, podemos acompanhar as medidas governamentais – políticas e econômicas do ideário neoliberal adotado no Brasil – que fragilizaram o poder sindical de barganha dos anos 80, como ilustram as lutas atuais visando à preservação do emprego ao invés do aumento salarial, que antes era a bandeira sindical. Temos ainda a possibilidade de observar o estudo feito por Iram Jácome Rodrigues do caso mais específico do sindicato dos metalúrgicos do ABC na década de 90, particularmente do ramo da indústria automobilística. Este caso demonstra a procura de novos espaços de negociação no interior das empresas, apontando, talvez, para um novo momento do sindicalismo brasileiro. Outra perspectiva presente no livro é a discussão proposta por Armando Boito Jr. a respeito da distinção entre “decadência ou declínio” ou “crise e refluxo” do sindicalismo atual, sendo a primeira indicativa de uma situação irreversível ao contrário da segunda, que vislumbra, inclusive, a recuperação das forças do sindicalismo para o século XXI.

Diante deste conjunto de análises, podemos constatar a importância desse livro e dos debates que estimula, principalmente para quem pretende refletir seriamente sobre os problemas da sociedade contemporânea, como o desemprego, as condições atuais dos trabalhadores, os sindicatos e, por extensão, a própria forma de sociabilidade atual, que tem afetado tanto a coesão social quanto os valores que a sustentam.

SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. (Org.). **Além da fábrica**: trabalhadores, sindicato e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003. 333p.